

A cor da pele: significações constituídas nas relações

Ana Gabriela Pedrosa Andriani*

Resumo

Apresento aqui momentos de pesquisa realizada com um grupo de crianças pertencente a uma escola pública da periferia da cidade de São Paulo que teve como objetivo a compreensão de como tais crianças significavam a cor de sua pele. Uma série de encontros aconteceu ao longo de um semestre letivo com a proposta de elaboração de atividades desenvolvidas a partir das temáticas vividas e experienciadas pelas crianças. Tendo em vista os aspectos físicos, psíquicos, sociais e históricos que envolvem o tema e partindo daquilo que o grupo dizia (o que era dito, como e de que lugar), pontos relacionados à vivência da cor da pele puderam ser evidenciados e analisados. Diferentes marcas e nuances da negritude foram comentadas, ressaltadas, como positivas ou negativas no jogo das interações discursivas. As análises das falas do grupo, que serão aqui discutidas, encontram-se referenciadas na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano e permitiram reflexões sobre temas como o corpo e sua (re) produção cultural; os modos de participação dos sujeitos na dinâmica social e as relações de poder.

Palavras-chave: cor da pele; significações; relações.

Abstract

This presentation brings to discussion the results of a study done with a group of public school children of a suburban area of Sao Paulo. The objective of that study was to understand how the children lived and (inter)acted, with thought of and talked about the (issue of) color of skin. After composing the study

* Relato de pesquisa elaborado a partir da dissertação de mestrado da autora que é psicóloga formada pela PUC- SP, mestre, atualmente doutoranda pelo departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp e pesquisadora do grupo Pensamento e Linguagem, também da Faculdade de Educação da Unicamp. Email: agandriani@hotmail.com

group we proceeded to a series of meetings that lasted for a school semester. The developed activities were proposed and built with the children along the meetings. To propose and conduct the study, we searched for theoretical and methodological support in the historical-cultural perspective of the human development. On our successive approaches to this material, we organized and configured three main points of discussion present in their speech – racism and violence; the body and its cultural (re)production; and the modes of participation of subjects and power relations.

Keywords: *color of skin; significations; relationship.*

O presente trabalho faz um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em uma escola pública situada na Zona Leste, em uma região da periferia (e, portanto de baixo poder aquisitivo) da cidade de São Paulo (local escolhido para escuta e análise da pesquisa), que teve como proposta a tentativa de compreender como um grupo de crianças com idades entre 9 e 10 anos, pertencente à quarta série do ensino fundamental, pensava, sentia e agia perante a questão da cor da pele. O ancoramento teórico da pesquisa, que fundamentou tanto os procedimentos de intervenção como de análise das falas das crianças, que serão aqui discutidas, encontra-se referenciado na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano. Tal perspectiva entende o homem como constituído nas/pelas relações e práticas sociais, ao mesmo tempo que produto de seu desenvolvimento histórico como espécie.

Por significação entendemos a produção, pelo homem – também desenvolvida historicamente – de significados e sentidos em relação a si mesmo e à realidade vivida, sendo essa capacidade elaborada nas/pelas práticas sociais. É na linguagem, entretanto, que as significações encontram seu veículo essencial de produção e expressão. Para Bakhtin (2003), a linguagem deve ser entendida como histórica, ao mesmo tempo que composta por dimensões simbólicas configuradas na relação interindividual. Segundo o autor, os enunciados não podem ser tomados como isolados e adâmicos: “nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último” (Bakhtin, 2003, p. 371). “Os enunciados e seus tipos (...) são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (ibid., p. 268). O que é dito,

portanto, é elaborado a partir de aspectos subjetivos, simbólicos e alheios (já dito pelo outro) ao mesmo tempo. São as vozes sociais e individuais compondo uma trama na rede dos enunciados:

Todas as palavras (...) além de minhas próprias são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (...) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana. (Ibid., p. 379)

O grupo que participou da pesquisa foi composto por 8 crianças (dentre elas 3 brancas, 4 negras e 1 mulata)¹ e, a partir de sua organização, procedeu-se à realização de uma série de encontros, ao longo de um semestre letivo, que tinha como proposta a construção de atividades pensadas e desenvolvidas pela pesquisadora e crianças a partir das temáticas que eram vividas e experienciadas. Essas crianças serão aqui apresentadas com nomes fictícios: Thamara, Paula, Fernando, Jonas, Nilton, Lucas, Nara e Patrícia e vale dizer que, apesar de estarem na mesma série, pertenciam a turmas diferentes. A composição do grupo se deu tanto pela indicação dos alunos pelos professores como pelo pedido de participação de algumas das crianças quando souberam do trabalho que seria realizado.

Assim, em determinados momentos, disponibilizamos às crianças instrumentos que acreditávamos permitir a abertura e o aprofundamento da discussão de pontos que haviam sido levantados e que escolhemos ser melhor compreendidos, enquanto em outros momentos o próprio grupo sugeriu as atividades a serem realizadas. Assim, os passos seguintes da pesquisa sempre foram pensados e decididos a partir da avaliação dos encontros vividos, ou seja, a partir das necessidades de reflexão sobre determinados pontos elaborados nos próprios encontros. Isto porque, sustentados teoricamente em **Vygotsky**, entendemos a pesquisa, bem como a maneira através da qual podemos interpretar e compreender o homem, como um processo que se define e transforma no instante em que está sendo realizado, partindo sempre da correlação direta com o momento experienciado e mo-

1 Essa definição se deu pelas características físicas de cada criança como tonalidade de pele, tipo de cabelo e traços faciais.

vimentos do sujeito pesquisado. Segundo **Vygotsky** (1997), “a elaboração do problema e do método se desenvolvem conjuntamente, ainda que não de modo paralelo. (...) O método é ao mesmo tempo premissa e produto, ferramenta e resultado da investigação” (p. 47).

As atividades desenvolvidas durante todo o semestre envolveram o trabalho com revistas de moda e de esporte, a confecção de cartazes, um concurso de dança, um desfile e a elaboração de uma peça de teatro. Escolhemos destacar aqui momentos dos encontros em que o grupo discutiu o que era visto em um conjunto de revistas, em que foram confeccionados cartazes e foi feito um desfile de moda. A decisão de colocar em destaque tais encontros deve-se ao fato de acreditarmos que estes possibilitam a explicitação de momentos em que as crianças problematizaram, em suas falas, as significações constituídas sobre a cor da pele, sobre seu corpo e o corpo do outro e sobre os lugares e posicionamentos sociais vivenciados na dinâmica das relações.

Em se tratando do trabalho com revistas, este teve como objetivo disponibilizar às crianças um material que, como produto cultural, provocasse e possibilitasse a discussão de questões culturais, simbólicas, afetivas, etc., que marcassem a vivência do próprio corpo e ainda que permitissem a avaliação do corpo do outro. Foram levadas pela pesquisadora para que o grupo pudesse explorá-las e tematizá-las, de forma que, ao final do encontro, as crianças elaborassem cartazes ressaltando os pontos que mais tivessem chamado a sua atenção. Foram oferecidas ao grupo três revistas: *Raça*, *Marie Clair* e *Placar*. Em *Marie Clair*, encontramos fotos de modelos predominantemente brancas, desfiles de moda, apresentação de cosméticos, etc.; já a revista *Raça*, além de permitir uma discussão sobre seu próprio nome, continha modelos negras em sua maioria. Em se tratando da revista *Placar*, esta foi escolhida por ter como tema principal o futebol e com isto possibilitar a discussão sobre um momento em que o negro é destacado socialmente. Ao final desse encontro, a partir do que foi pensado e discutido durante a manipulação das revistas e confecção dos cartazes, as crianças sugeriram fazermos um desfile de moda. Combinamos que quem

tivesse maquiagem ou qualquer outro material que pudesse utilizar para se preparar para a atividade poderia trazê-lo no encontro seguinte. Cds de música também seriam utilizados.

O desfile de moda foi realizado em uma “passarela” construída em cima de mesas de cimento localizadas no pátio da escola. Durante a apresentação, cada uma das crianças desfilou em cima das mesas, enquanto as demais assistiam ao desfile (gritavam, batiam palmas, etc.). Tínhamos, como materiais disponíveis para a caracterização de cada uma, batons, sombra, gel, elásticos, enfeites coloridos para cabelo, esmaltes e um espelho. Além disso, foram levados Cds e, durante todo o tempo, houve música. A pesquisadora disponibilizou ao grupo várias tonalidades de batons e esmaltes (claros e escuros, sendo um deles preto – tanto batom como esmalte), gel e enfeites para cabelo.

A cor da pele: modos de pensar, sentir, agir e dizer (re)produzidos nas relações

Apresentadas as atividades escolhidas a serem postas em foco, a partir de agora ressaltaremos momentos dos encontros em que estas foram realizadas, na tentativa de – tendo em vista as múltiplas significações constituídas sobre os diferentes aspectos que envolvem o tema (aspectos físicos, psíquicos, sociais e históricos) – analisarmos a fala das crianças no que diz respeito à vivência da cor da pele.

No encontro em que as crianças trabalharam com as revistas, todas elas foram exploradas pelo grupo e vários comentários foram feitos. Percebemos, no entanto, que a maioria deles foram direcionados à revista *Raça*.

Logo no início da atividade, as crianças começaram a observar o material tecendo comentários bastante sutis sobre produtos de beleza ou simplesmente descrevendo o que viam. Com o passar do tempo, entretanto, principalmente as crianças negras começaram a demonstrar incômodos em lidar com as fotos observadas na revista *Raça*, o que posteriormente foi sendo transformado em movimentos em que demonstravam raiva, excitação e angústia, até chegar ao ponto em que o grupo configurou um

momento em que parecia ter atingido “um ápice emocional”: as modelos negras passaram a ser duramente desqualificadas, as revistas manipuladas com agressividade enquanto as crianças demonstravam estar muito “bravas” com o que viam. Pelo que pudemos notar, os modos de pensar e dizer sobre as modelos negras foram sendo produzidos durante o movimento do grupo e iniciadas pelos comentários de algumas crianças, que logo tiveram a adesão das outras. Desta forma, certas posições foram sendo definidas, até chegar ao ponto em que as crianças negras eram as únicas “vozes” que se mostravam no grupo, enquanto as brancas permaneciam caladas.

Deixaremos agora as crianças falarem o que pensavam e como sentiam o que viam:

Pesquisadora: *E aí, moçada, o que vocês estão achando das revistas?*

Nara: *Ah, mais ou menos*

Paula: *Ah, é muito sexual, muito soltando as coisas para fora.*

P: *E o que vocês acham das revistas serem sexuais?*

Thamara: *Ah, é muito feio uma mulher se mostrando tudo. Mostrando tudo ela está se achando...*

Paula (referindo-se a revista *Raça*): *Essas mulheres com essas pinturas... é muito feio!! E é sexual. Ela não tem o que fazer e fica aí mostrando o rabo para os outros.*

Pesquisadora: *Por que é muito feio ser sexual?*

Paula: *Ah, por que a mulher quer se mostrar.*

Thamara: *É ! parece putaria!*

Patrícia: *Ai, que feio!*

Paula: *Olha aqui, olha aqui! Que ridículo!*

P: *Isso está te incomodando, Paula?*

Paula: *Tá!*

P: *Por quê?*

Paula: *Tá me incomodando por que é feio!”*

Paula: (ainda se referindo as modelos da revista *Raça*) *Eu acho muito feio, essa mulher está saindo muito pelada! Tem que aparecer umas mulher mais bonita!*

P: *Como é uma mulher mais bonita?*

Paula: *Ah, de cabelão preto até aqui (cabelo liso e comprido). Essas coisas feia aqui eu não gosto.*

A partir das falas do grupo, pudemos perceber que as modelos negras que apareciam nas revistas eram vistas predominantemente sob a ótica da leviandade e promiscuidade, chegando a causar desconforto e incômodo nas crianças. Em muitos momentos, pareciam constituir sobre a sensualidade destas mesmas modelos significações também relacionadas a tais adjetivações. O grupo demonstrou bastante agressividade com relação ao que via, apresentando muitas críticas relacionadas a sentimentos de negação, repúdio, não aceitação e desqualificação do corpo negro, apresentado como sensual, sexual e erótico na revista Raça.

Tais fatos nos levam a pensar que historicamente foram constituídos discursos que atribuem ao corpo negro características relacionadas à erotização, sensualidade, sexualidade, musicalidade, força, desempenho sexual, etc. mas, pelo que nos foi possível perceber, as crianças negras não experienciavam tais significados sociais e históricos. Nara nos mostra isto:

Nara: ... *É porque ela é muito nega, muito feia!*

No grupo, notamos uma dificuldade das crianças negras em vivenciar sentimentos prazerosos sobre seus corpos e ainda a existência de sentimentos relacionados à dor por possuírem características físicas e origem étnicas que são discriminadas socialmente. Contraditoriamente ao discurso historicamente elaborado, que relaciona o corpo negro a erotização e sensualidade, atualmente, notamos que as estruturas étnicas que caracterizam fisicamente o negro, como cabelo crespo, pele escura, lábios carnudos, etc., não são considerados padrões sociais de beleza. Essas significações sociais parecem constituir nas crianças negras sentimentos de vergonha sobre o próprio corpo, desejo de não possuí-lo, de livrar-se dele, de negá-lo, de ser branco....

Nara: Parece que eu nunca mais vou sair da minha casa.

Pesquisadora: Como, Nara?

Nara: Tipo assim: todo mundo me chama de testuda. Aí eu olho no espelho, aí quando eu saio me chamam de testuda de novo, dá vontade de nem sair, dá vergonha.

(...) Paula: Eu queria me depilar para ser branca. (...)

Paula: Eu queria ser branca...

Segundo Costa (1983, citado por Souza 1983), o corpo ou a imagem corporal eroticamente investida é um dos componentes fundamentais para o desenvolvimento da subjetividade do indivíduo. Sendo assim, as significações que os indivíduos elaboram sobre seu corpo revelam um dos momentos de constituição de sua subjetividade, ou seja, dos modos de imaginar, sentir, viver e pensar a si mesmo. No caso do sujeito negro,

[...] diante da “ferida” que é a representação de sua imagem corporal, tenta, sobretudo, cicatrizar o que sangra. (...) O tributo pago pelo negro (...) é de ter de conviver com um pensamento incapaz de formular enunciados de prazer sobre a identidade do sujeito. O racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo prazer de pensar e todo pensamento de prazer. (Idem, p. 8)

Em muitos momentos dos encontros, as crianças negras agiam na tentativa de suprimir, repudiar as marcas do corpo que lhes eram discriminadas, violentadas socialmente e, portanto, propiciadoras de dor. Ao fazer isso, entretanto, estavam indiretamente suprimindo sua origem histórica e subjetividade. Muitas vezes, percebemos que tal “espaço” de supressão foi preenchido com significados ideológicos que apontam para a crença na homogeneização, igualdade social e na valorização do ideal-tipo branco. Assim, possuir tonalidades de pele mais claras parecia ser visto como algo que possibilitaria a libertação de situações de discriminação, ofensa, humilhação e violência a seu corpo. Paula nos fala sobre isto:

Paula: *Ah, por que é muito ruim ser negro porque os outros xingam muito.*

Pesquisadora: *E ser branco, como é?*

Paula: *Ser branco é muito bom.*

Ainda em se tratando do encontro em que trabalhamos com as revistas, em determinado momento, o grupo passou a criticar a utilização de maquiagens de tonalidade escura (vermelho, marrom-escuro, etc.) pelas modelos negras:

Paula: *Ai que feio!* (batons escuros utilizados por modelos negras).

Thamara: *Podia ser mais clarinho.*

As crianças nos diziam que aos negros caberia somente a utilização de maquiagens de tonalidade bastante clara, que não chamassem a atenção:

Paula: *Eu não gosto de esmalte. Muito forte. Mas eu acho assim, que passar uma maquiagem na cara muda a gente, a gente fica bonita, mas não muito forte. De vez em quando um lápis no olho. Aqui, por exemplo (revista Raça) esta pintura não combina com esta menina, fica feio, se ela passa um batonzinho, ela é nega, ela é “mó” morena, então, se ela passasse um batonzinho...*

Patrícia: *Um brilhaço.*

Paula: *É, um brilhaço ou um batom marronzinho, da cor dela... Não, mas ela quer passar este negócio tão forte!*

Aos brancos, ao contrário, para essas crianças, caberia e seria socialmente aceita a utilização de maquiagens e roupas que chamassem a atenção, que fossem sensuais:

Thamara: *Os brancos, eles gostam de se mostrar com roupa colada, com a calça colada e com o cabelo. Eles gostam de se mostrar também com a pintura do rosto.*

Pesquisadora: *Como assim, Thamara?*

Thamara: *Os negros não gostam muito de pintar o rosto... essas coisas.*

P: *E por quê?*

Thamara: *Porque eles não tão se mostrando igual às brancas. Eles não gostam de pintura porque já são negro, para que se pintar? E se pintar, fica mais feio. Se se pintar a cor dele fica ridícula.*

E a partir daí emergiram as significações sobre o que é esperado socialmente do negro e do branco:

Paula: *Por que ela é branca, então tem que mostrar e nega não.*

Essas falas nos dão indícios de que para o grupo, ao branco cabe um lugar de destaque social, a ele é permitido chamar atenção, enquanto ao negro não. É preciso que o negro se mantenha em uma posição oculta, sem destaque. É preciso que ele “tenha limites” (sic):

Pesquisadora: *E por que para negros as cores fortes ficam cheguei e para os brancos não?*

Paula: *Porque no branco, eu acho que combina mais com eles, tem mais diferença. Para o negro não. O negro tem que ter o limite de passar, porque se não fica feio.*

Tais colocações nos fazem indagar: Que limites seriam esses? Pensamos que talvez eles estejam diretamente relacionados às condições e posições sociais de poder que são construídas historicamente. As respostas de Paula, em um primeiro momento, explicitamente dizem respeito a questões de ordem estética, mas nos causam a impressão de estarem vinculadas a modos implícitos de se comportar, ser e apresentar-se que são aceitos e esperados socialmente dos negros. Nesse sentido, saber sobre e respeitar os “limites sociais” torna-se necessário, uma vez que, como nos diz Thamara (que é negra):

Thamara: *Se nós passa preto, tem gente que fala: Ah, passa preto por que vai lá para o terreiro de macumba.*

Então, para essas crianças, parece caber ao negro um lugar social que não ocupe posições de destaque, que se oculte, seja “comportado”, por que, caso ele assuma uma posição que apareça, se mostre, seja sensualizada e conseqüentemente ocupe um certo lugar de poder, sofrerá discriminações sociais, sendo violentado. Paula nos fala sobre isso ao ver uma modelo negra na revista Raça:

Paula: *Essa aqui podia ser uma menina comportadinha, com brinquinho, cabelo pentiadinho. Olha isso aqui: nada a ver uma coisa com a outra. Olha que ridícula! Parece macumbeira!*

E aqui vale destacar mais um ponto: Paula demonstra sofrer pela discriminação e violência experienciadas em suas relações, mas em determinados momentos redimensiona esse lugar, na medida em que critica e desqualifica características relacionadas ao negro. Parece ser essa a ambivalência, a contradição vivida pelo negro: sofre por estar aprisionado em um corpo discriminado e violentado socialmente, ao mesmo tempo em que o repudia e desqualifica. Rey (2003, p. 240) nos dá elementos para

pensarmos tal questão ao afirmar que “o sujeito representa um momento de contradição e confrontação não somente com o social, mas também com sua própria constituição subjetiva que representa um momento gerador de sentido em suas práticas”.

Conforme dito anteriormente, após a realização da atividade com as revistas, o grupo teve a idéia de fazermos um desfile de moda. No encontro em que este aconteceu, todas as crianças demonstraram muito interesse e prazer em sua execução, embora com papéis diferenciados: algumas delas eram responsáveis pela maquiagem das demais, outras pelos penteados, algumas preferiam arrumar-se sozinhas, e assim sucessivamente.

Percebemos que as crianças negras envolveram-se mais intensamente com a atividade, desde sua preparação até o momento da apresentação: experimentaram várias tonalidades de maquiagens, de modo que pareciam estar também se experimentando diante da possibilidade de “se apresentar”. Utilizaram batons vermelhos e depois os retiraram, rosa-claro, que também foi trocado posteriormente por outra tonalidade, sombras coloridas, lápis, etc., de modo que, ao final, para a apresentação, todas as crianças negras terminaram usando maquiagens de tonalidades escuras. Ao desfilar e ao dançar, traziam e demonstravam muita sensualidade, erotismo e desenvoltura, assumindo de maneira bastante apropriada as posturas e as formas de desempenhar tais atividades de acordo com os rituais, os *scripts* divulgados pela mídia (tal como na revista *Raça*, que anteriormente haviam criticado).

Assim, notamos que, nesse encontro, tais crianças ocuparam um lugar de destaque muito maior que as brancas. Estas, durante o desfile, embora demonstrando prazer no desenvolvimento da atividade, utilizaram maquiagens em tons claros, não dançaram ou escolheram filmar a atividade, ficando, desta forma, fora da “cena” construída. Quando desfilando, realizaram a atividade rapidamente, demonstrando vergonha em se apresentar. Ao que parecia, as crianças negras se permitiram assumir e experienciar sua sensualidade e erotização, e esses lugares foram vivenciados com muita exuberância. Enquanto isso, as crianças brancas se recolheram, aparentando se sentirem desconfortáveis em ocupar uma posição de destaque.

Durante esse encontro, tanto as crianças como a pesquisadora registraram em vídeo tudo o que foi feito. No encontro seguinte, a pesquisadora decidiu mostrar ao grupo a gravação dos momentos em que se caracterizavam e em que desfilavam....

Mas, o que aconteceu quando foi apresentada a possibilidade de se assistirem desenvolvendo/ atuando a atividade realizada? As próprias crianças responderão esta pergunta:

Thamara: *Pára a fita, professora! Pára de passar!*

Thamara: *Caraca! Quanto batom eu passei!*

E: *Parece que você fez uma experiência aí com os batons, né? O que você achou?*

Thamara: *Ficou feio. Eu tava muito feia. O batom tava muito forte.*

Para surpresa da pesquisadora, as crianças e especialmente as crianças negras permaneceram durante a maior parte do tempo alheias à apresentação do vídeo, agredindo-se física e moralmente e até mesmo pedindo que a transmissão da filmagem fosse interrompida. Tais fatos nunca haviam acontecido antes.

Pensamos que ao apresentarmos a filmagem do concurso de dança e do desfile, lançamos a possibilidade do grupo se assistir não meramente como telespectador, mas como “personagem”, podendo assim, se observar e avaliar atuando, dramatizando uma situação. Dessa forma, a situação apresentada proporcionava a elas (e principalmente às crianças negras) verem-se realizando atividades que haviam sido criticadas e desqualificadas anteriormente. Naquele momento, enxergaram-se apresentando-se da mesma forma que as modelos negras das revistas de moda: com maquiagens escuras, de forma sensual, erotizada, desenvolta. E mais do que isso: enxergaram-se sentindo prazer ao se experienciarem dessa forma. Isso nos leva a refletir e pôr em destaque os modos de internalização dos valores, os desejos socialmente construídos; os lugares sociais ocupados pelos sujeitos; os sujeitos que experienciam valores contraditórios... Ao que parecia o ver-se, o enxergar-se que leva à reflexividade, tornava-se um espaço de estranhamento, desconforto, sofrimento e contradição para as crianças negras. As significações constituídas sobre si revelam as marcas

culturais dos discursos sociais de desqualificação e marginalização de sua cor que terminam sendo internalizados e com isso vivenciados no corpo e na alma.

Assim, as crianças negras que participaram desta pesquisa nos mostraram experienciarem sentimentos e desejos contraditórios a respeito de sua cor, uma vez que ao mesmo tempo em que sofriam por serem discriminadas (desejando não ser negras, “depilarem-se” para se tornarem brancas, etc.) apresentavam as marcas da discriminação em seus discursos. Essas crianças demonstravam vivenciarem situações e relações por meio das quais se sentiam violentadas, ao mesmo tempo que participavam desse movimento agredindo-se mutuamente.

Mas a questão não terminava por aí. Como afirma Costa (1983, citado por Souza, 1983), a ideologia da cor representa somente uma superfície de uma ideologia mais daninha: a ideologia do corpo. Os momentos de repúdio à cor convertem-se em momentos de repúdio ao próprio corpo. O corpo passa então a ser vivenciado e sentido como fonte de descontentamento, desqualificação, menosprezo e perseguição. As características étnicas negras tornavam-se, desta forma, fonte de sofrimento, uma vez que eram discriminadas socialmente e pelas próprias crianças negras. Segundo Auglagnier (citado por Souza, 1983), “o futuro identificatório do sujeito depende da possibilidade de inocentar o corpo. Um corpo que não consegue ser absolvido do sofrimento que infringe o sujeito torna-se um corpo perseguidor, odiado, visto como fonte permanente de ameaça de morte e dor” (p. 6).

A questão do corpo, por sua vez, transforma-se em algo mais profundo: em uma questão da “alma”. O não sentir e experienciar prazer com relação ao próprio corpo configura-se em sofrimento psíquico pelas grandes dificuldades em experienciar positivamente alguns aspectos constitutivos da subjetividade, sendo a cor da pele um desses aspectos. Podemos dizer ainda que se encontra aí caracterizada uma situação de sofrimento não somente psíquico, mas “ético-político”.

Sawaia define sofrimento ético-político como aquele que

[...] abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. (...) Retrata a vivência cotidiana das questões sociais

dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da sua produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto. (1999, p. 104)

Notamos ainda que, em alguns momentos, a negação das possibilidades de ação e transformação vinha recheada de discursos ideológicos, principalmente de cunho religioso, que pregavam o conformismo e a passividade ante a situação de exclusão social vivida e sentida. Paula, ao dizer sobre as situações em que era discriminada, relatava:

Paula: Ah, a gente fica triste pensando na coisa, com vontade de bater, de xingar. Só que a gente não pode ser assim, porque se não a gente também esta fazendo uma violência. A gente tá pagando com a mesma moeda. A gente tem que pagar com a moeda boa. Isso eu aprendi na escolinha dominical da igreja aonde eu vou. A gente tem que amar o próximo mesmo que ele seja nosso inimigo. A gente deve amar.

Pensamos que tal discurso talvez configurasse uma estratégia de sobrevivência e convivência com o problema da discriminação social, na medida em que sua aceitação poderia construir possibilidades de minimização da dor sentida.

Um ponto que ressaltaremos novamente, dada sua importância, refere-se aos momentos em que percebemos que as relações estabelecidas entre o grupo foram desenvolvendo modos de participação em que as crianças negras se destacavam e se sobressaíam de forma mais intensa que as crianças brancas. Durante várias vezes as primeiras conseguiram experienciar o seu corpo e conseqüentemente a si mesmas criativa, erótica e prazerosamente. Ao que parece, o grupo foi construindo lugares e modos de participação de maneira que foi dada “voz” às crianças negras. Tais fatos nos oferecem subsídios para afirmar, então, que a dialética existente entre a relação exclusão/inclusão social, ao ser produto das relações e modos de organização sociais e históricos, pode transformar-se, dependendo das

condições materiais vivenciadas. Assim, afirmamos que a constituição dos potenciais de ação, participação, prazer e bem-estar social encontra-se relacionada às condições materiais experienciadas e as significações configuradas nas/pelas práticas sociais.

As crianças negras nos mostraram o quanto as significações sobre a cor da pele que vão sendo elaboradas pelas e nas tramas/discursos/práticas sociais (re)produzem lugares e posicionamentos que são sentidos e vividos “por dentro”, no âmago do sujeito. Ao mesmo tempo, os modos como o grupo foi construindo, durante o processo de pesquisa, sua participação, lugares e falas parece nos convidar (re)pensar nossas práticas e intervenções. Somos chamados a refletir, a partir do que essas crianças nos dizem, sobre os posicionamentos e lugares sociais que, uma vez afetados pelas formas de agir, conceber e imaginar o ser branco e o ser negro, (re)produzimos na interação com elas e com isso reiteramos significações excludentes sem nos darmos conta de seus significados e sentidos. Talvez, tendo consciência de como a exclusão social pela cor da pele é vivida e sentida e como as práticas sociais contribuem para a reiteração desses efeitos, possamos, com o tempo, reconstruir esta dinâmica social e historicamente construída. Como nos diz Marx “Como exprimem sua vida, assim os indivíduos são. Aquilo que eles são coincide com sua produção, com o que produzem e como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção. (Marx e Engels, 1984, p. 15)”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (2003) *Estética da criação verbal*. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- COSTA, J. F (1983) “Da cor ao corpo: a violência do racismo”. In: SOUZA, N. S. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal.
- MARX, K. e ENGELS, F. (1984). *A ideologia alemã*. São Paulo: Moraes.
- REY, F. G. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thompson Learning.

- SAWAIA, B. B. (1999). *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Vozes.
- SOUZA, N. S. (1983). *Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Graal.
- VYGOTSKY, L. S. (1997). “O Método de investigação”. In: VYGOTSKY, L.S. *Obras escolhidas*, vol. III. Madrid: Visor.